

XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2019

Sustentabilidade, autonomia e resistência da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa

22 a 24 de outubro de 2019

- Realização Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCOM) e Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC)
- Promoção Departamento de Comunicação Social (GCO) e Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC)
- Localização Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, Brasil

Uma ideia na cabeça e um celular na mão: o acesso à realização cinematográfica por meio do smartphone.

Vanessa Guimarães Lauria Callado

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação da ECO/UFRJ, participante do Grupo de Estudos do Centro Coreográfico RJ/ Grupo de Pesquisa em Dramaturgias do Corpo, docente (estágio de docência) do curso de Rádio e TV da ECO/UFRJ

Resumo

O cinema é uma arte voltada para múltiplos assistentes e compõe uma complexa rede de produção. Normalmente o sistema de realização de filmes remete a uma grande estrutura e durante muito tempo a produção cinematográfica ficou restrita a quem tinha acesso à esta estrutura. Trata-se de um esquema de produção multifacetado que não é muito veloz além de ser extremamente dispendioso. No entanto a maneira de se produzir e de se ver cinema vem se transformando sob a influência das mudanças econômicas e tecnológicas, e a captação de imagem e som através de mídia digital virou a realidade dominante da produção audiovisual atual. Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise tecnocrítica do *smartphone* em uma perspectiva fenomenológica e desenvolver uma abordagem teórica, sobre este dispositivo, que visa evidenciar outros potenciais do aparelho, relacionando a transformação tecnológica às mudanças de significado prático e cultural da produção audiovisual. Para isso se faz necessária, além da pesquisa bibliográfica e *desk researsch*, uma análise da bem-sucedida realização do filme de longa-metragem *Tangerine*. Quinto filme do diretor estadunidense Sean Baker, *Tangerine* causou uma comoção ao ser exibido no *Sundance Film Festival 2015*, quando ao final da última cena surgiu o letreiro revelando ao público ter sido o filme gravado exclusivamente com as câmeras do smartphone da Apple, Iphone 5S. Se a tecnologia digital facilitou e barateou a produção, a câmera do *smartphone* levou essa agilidade a outro patamar, tornando mais acessível a realização audiovisual a grupos

anteriormente excluídos de tal prática. A câmera digital no smartphone virou um item obrigatório, sua relevância se dá não apenas pela captura de imagens digitais, mas pela interligação com a rede mundial de dados. A possibilidade de compartilhamento e o imediatismo da exibição num espaço virtual são fatores responsáveis pela grande popularização do dispositivo técnico. Neste contexto, filmes de cinema gravados pela câmera de um celular já são uma realidade e estão incorporados aos modos de produção tanto como uma opção estética quanto como uma alternativa para baratear o orçamento das produções e proporcionar acesso democrático. Ainda que pese o problema da obsolescência e o fato de que muito provavelmente a hibridização do corpo com a tecnologia, que parece ser inevitável, chegue no desaparecimento do dispositivo (BURSZTYN, 2016), o objetivo desta análise, é estudar a abrangência, as transformações e legitimações do processo de realização cinematográfica por meio do smartphone. Investiga-se o fato de haver uma ampliação da possibilidade de realização, principalmente para diretores independentes que não dispõem de um grande orçamento, e para minorias, cuja temática não desperta a atenção de patrocinadores. Como no caso de *Tangerine*. Dirigido e roteirizado por Sean Baker, diversas vezes premiado, é uma comédia dramática que aborda a realidade de prostitutas transgênero em uma área pouco revelada de Los Angeles. O elenco principal é composto por duas transexuais que nunca haviam atuado profissionalmente como atrizes e que ajudaram na confecção do roteiro. O filme, por sua temática, foi recusado por patrocinadores e só pode ser realizado pela facilidade das câmeras do smartphone.

Palavras-chave

Realização audio-visual; Acessibilidade; Tecnologia móvel;

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BERUTTI, Eliano Borges. *Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do Sexo*. In: LOURO, Guacira, Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Vol. I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LAURETIS, Teresa de. *Technologies of gender: essays on theory, film and fiction*. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. *As distâncias do cinema*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Tese

BURSZTYN, Gabriel. *L'expérience photographique de la ville dans l'ère des Smartphones : être et agir dans un espace-temps hybride*. Tese. Université de Paris 8 - Vincennes - Saint Denis. Paris, octobre 2016.

Referências audiovisuais:

Tangerine. BAKER, Sean. EUA: 2015. 1: 28min.